



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

## **ESCOLARES COM NECESSIDADES ALIMENTARES ESPECIAIS: O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA<sup>1</sup>**

**Nadia Kunkel Szinwelski<sup>2</sup>, Kethlin Lopes<sup>3</sup>, Roberta Lamonatto Taglietti<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso

<sup>2</sup> Docente do Curso de Nutrição da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó

<sup>3</sup> Discente do curso de Nutrição da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó

<sup>4</sup> Docente do curso de Nutrição da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó

### **RESUMO**

**Introdução:** Cada vez mais, crianças e jovens têm sido vítimas de Doenças Crônicas Não Transmissíveis, como diabetes, hipertensão, alergias alimentares, doença celíaca e intolerância à lactose. Essa população específica necessita receber uma alimentação diferenciada para conseguir suprir suas necessidades nutricionais, que podem ser combatidas, minimizadas ou remediadas com uma alimentação adequada. **Objetivo:** O objetivo da presente pesquisa é conhecer como se dá a oferta da alimentação para os escolares com necessidades alimentares especiais e quais as principais dificuldades encontradas pelos pais e pela escola. **Resultados:** Tanto a família quanto a escola têm papel fundamental no processo de adaptação dos escolares com necessidades alimentares especiais, no entanto, a falha de comunicação entre ambos acaba sendo a principal dificuldade sentida tanto pela família como pela escola. **Conclusão:** Se faz necessária a discussão de possibilidades de melhorias, principalmente no que tange a comunicação entre família e escola.

**Palavras-chave:** Nutrição; alimentação escolar; PNAE.



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

## INTRODUÇÃO

Grandes transformações nos padrões alimentares de crianças e adolescentes retratam a transição alimentar e nutricional. Tais mudanças referem-se principalmente à redução da atividade física e à modificação dos hábitos alimentares, com aumento expressivo do consumo de alimentos industrializados e redução do consumo de frutas e hortaliças (CORRÊA *et al.*, 2017).

Os hábitos alimentares inadequados são caracterizados pelo consumo elevado de alimentos com alto teor de açúcar, sódio e gorduras, e pelo aumento no consumo de alimentos e bebidas processados e ultraprocessados, como sucos industrializados e refrigerantes (CORRÊA *et al.*, 2017).

A infância e a adolescência são estágios da vida fundamentais para formação de hábitos alimentares saudáveis, visto que tendem a se manter na vida adulta. Durante a infância, os pais são fundamentais para a construção das práticas alimentares, pois é nessa fase que eles aprendem e seguem os costumes ensinados pela família (SILVA; TEIXEIRA; FERREIRA, 2014).

Na fase escolar, outros adultos ganham importância na formação das práticas alimentares e, assim, a escola passa a desempenhar um papel de destaque na formação de novos hábitos e na manutenção da saúde da criança. Já na adolescência, tendem a ocorrer mudanças no comportamento alimentar, principalmente devido às modificações fisiológicas e à importância que o ambiente social ganha para o adolescente (CORRÊA *et al.*, 2017).

A promoção e o estímulo à adoção de modos de vida e hábitos alimentares saudáveis são fundamentais, pois a alimentação e nutrição constituem requisitos básicos para a promoção e proteção da saúde, possibilitando o crescimento e o desenvolvimento humano, com qualidade de vida e cidadania (BRASIL, 2013).

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) tem como objetivo atender às necessidades nutricionais de estudantes e à formação de hábitos alimentares saudáveis, durante sua permanência no ambiente escolar, contribuindo para o seu crescimento, desenvolvimento, aprendizagem e rendimento escolar (PAES; TEIXEIRA; COSTA, 2016).

A merenda, além de alimentar e nutrir as crianças, também proporciona interação social entre colegas da escola, professores e as cozinheiras. Os professores devem estimular o desenvolvimento de bons hábitos alimentares e ensinar como é o sentar-se à mesa e comer adequadamente. Esses momentos também são importantes para o desenvolvimento afetivo e emocional das crianças (MANCUSO *et al.*, 2013).

Apesar dos esforços do PNAE em promover a alimentação saudável e adequada, diferentes fatores fazem com que, crianças e jovens têm sido vítimas, cada vez mais cedo, de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), como diabetes, hipertensão, alergias alimentares, doença celíaca e intolerância à lactose. Essa população específica necessita receber uma alimentação diferenciada para conseguir suprir suas necessidades nutricionais, que podem ser combatidas, minimizadas ou remediadas com a alimentação adequada (SANTOS, 2012).



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

A alimentação diferenciada na escola para o público com necessidades alimentares especiais, irá promover inúmeros benefícios, desde o desenvolvimento em sala de aula até a melhoria da saúde. São crianças que necessitam receber uma dieta especial e adequada à patologia e assim obter os nutrientes necessários para um bom crescimento e desenvolvimento nutricional (SANTOS, 2012).

O recebimento da alimentação diferenciada é um direito do aluno, porém muitas escolas ainda encontram dificuldades para garanti-lo, dificuldades que vão desde a compra até na hora da preparação (BRASIL, 2017).

Desse modo, o objetivo desta pesquisa é conhecer como é realizada a oferta da alimentação para os escolares com necessidades alimentares especiais e quais as principais dificuldades encontradas pelos pais e pela escola.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Foi desenvolvido um estudo de natureza qualitativa com os pais de escolares que foram diagnosticados com alergias e intolerâncias alimentares acompanhados pela nutricionista da Secretaria Municipal da Educação de Planalto (RS), e com a própria nutricionista responsável técnica da alimentação escolar.

Primeiramente, foi realizado um mapeamento desses alunos com a nutricionista, para localizar endereço e o telefone dos pais. De um universo de 1000 crianças matriculadas nas escolas municipais, seis alunos necessitam de alimentação especial. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas elaboradas pela própria pesquisadora.

A entrevista procurou investigar a opinião e a satisfação dos pais referente à alimentação que seus filhos recebem nas escolas e quais as dificuldades que os mesmos encontram em casa referente às necessidades alimentares dos seus filhos. Também foi verificado como se dá a comunicação entre a família, escola e a nutricionista responsável pela alimentação escolar.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas, sendo os dados submetidos à análise de conteúdo. A análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de dados coletados, que visa à interpretação de material de caráter qualitativo, assegurando uma descrição objetiva, sistemática e com a riqueza manifesta no momento de sua coleta (GUERRA, 2014).

O projeto que deu origem a este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unochapecó (Parecer n. 2.633.142), tendo sido rigorosamente respeitados todos os princípios éticos vigentes da pesquisa envolvendo seres humanos. Após amplo esclarecimento sobre os objetivos e os procedimentos de pesquisa, os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Uso de Voz, ambos emitidos em duas vias, ficando uma de posse da pesquisadora e a outra com os participantes da pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

Das seis crianças, somente quatro mães aceitaram participar do estudo. Das quatro crianças participantes, três são intolerantes à lactose e uma apresenta alergia à proteína do leite de vaca e intolerância ao glúten.

Antes de analisarmos as falas das mães das crianças, apresentaremos os dados obtidos com a entrevista realizada com a nutricionista responsável técnica pela alimentação escolar.

Durante a entrevista foi questionado à nutricionista como é a elaboração dos cardápios e a entrega desses alimentos para as crianças com alimentação especial:

“O cardápio é elaborado no geral. Os especiais são elaborados individuais e especificamente para cada um, porém como não tem grande número de crianças com necessidades alimentares especiais, é feito individual o cardápio da alimentação, os itens e os produtos para a merenda dessas crianças são entregues semanalmente são alimentos perecíveis e especificamente são identificados para esses alunos com alimentação especial.”

Considerando que é da habilidade do profissional nutricionista zelar pela preservação, promoção e recuperação da saúde, alimentação e nutrição no ambiente escolar, levando em consideração as necessidades alimentares especiais, os cardápios devem ser elaborados respeitando as necessidades nutricionais, os hábitos alimentares e as condições de saúde e, acima de tudo, buscar uma alimentação saudável e adequada (FERNANDES *et al.*, 2015).

É direito dos alunos com necessidades alimentares especiais receberem alimentação diferenciada na escola. A Lei n. 12.982/2014 determina o fornecimento de alimentação escolar própria aos alunos que apresentam estado ou condições de saúde específicas (BRASIL, 2018).

O critério para a elaboração do cardápio especial para alunos com alergias alimentares é da completa exclusão desses alergênicos. E em relação à oferta de macro e micronutrientes, a oferta é a mesma, conforme as normativas do PNAE (BRASIL, 2017).

Em relação à intolerância à lactose, a recomendação para a elaboração do cardápio é a exclusão de alimentos fontes de lactose. Cardápios especiais com quantidade reduzida e controlada de lactose podem ser planejados, quando assim prescrito. Acerca dos valores de macro e micronutrientes, não estão estabelecidas modificações, desse modo, deve-se garantir o aporte nutricional segundo as normas do PNAE, com atenção à oferta de cálcio (BRASIL, 2017).

Para alunos com intolerância ao glúten, o tratamento é essencialmente através da dieta, consistindo na retirada total do glúten da alimentação. A retirada do glúten leva progressivamente à diminuição dos sintomas e restauração das células da parede intestinal. Desse modo, ao preparar alimentos para celíacos, é preciso muito cuidado em todas as etapas, pois alimentos sem



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

glúten não podem ser preparados em locais e horários onde estejam sendo preparados outros produtos que contenham glúten. O ambiente, a bancada de trabalho e os utensílios a serem utilizados devem estar totalmente limpos e isentos de quaisquer resíduos que contenham glúten (BRASIL, 2012).

Aos estudantes portadores de *diabetes mellitus*, a mudança no estilo de vida é um importante fator de proteção. As unidades escolares têm um papel fundamental na promoção de hábitos alimentares e estilos de vida saudáveis. Desse modo, a escola deve incentivar esses alunos a participar das atividades fisicamente ativas. Com relação às quantidades de macro e micronutrientes, há algumas modificações, principalmente, na oferta de carboidratos e lipídios. A dieta deve ser fracionada em seis refeições diárias, evitando o jejum de vigília maior que três horas (BRASIL, 2017).

Além da alimentação no dia a dia da escola, os alunos com necessidades alimentares especiais também têm direito à alimentação diferenciada em datas comemorativas, como eventos e aniversários.

É um grande desafio para as escolas prever a quantidade da aquisição desses alimentos diferenciados. Na maioria das vezes, esses alimentos não fazem parte do cardápio habitual da alimentação escolar e, dessa forma, serão necessários para adaptar o cardápio especial (BRASIL, 2017).

Em relação ao mapeamento dos escolares com necessidades alimentares especiais, foi questionado à nutricionista como os pais comunicaram a escola sobre a necessidade do filho.

“A maioria dessas crianças foi descoberta com necessidade depois que estava na escola, acabou sendo surpresa para a família. Mas a adaptação foi tranquila, pois a família e a escola acabam se ajudando.”

Para realizar a matrícula das crianças com necessidade alimentar especial, recomenda-se que o atendimento na escola seja centrado no diretor, pois ele deve acolher o responsável pelo aluno, receber o atestado médico e conferir se esse está completo. Somente depois disso é feito o encaminhamento para o nutricionista (BRASIL, 2017).

É importante que o diretor seja comunicado de qualquer suspeita que possa surgir no cotidiano da escola. Recomenda-se que um cartaz seja fixado no mural da escola para informar aos responsáveis por esses alunos sobre o direito ao cardápio especial (BRASIL, 2017).

Segundo a nutricionista, uma das maiores dificuldades é manter um diálogo constante com os pais, ainda há muita falta de informação por parte da família e da escola, de modo que quem acaba prejudicado é o próprio aluno.



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

“A maior dificuldade é a falta de informações, pois muitas vezes os pais têm alguma informação, mas acabam não passando para a escola, se a escola não vai atrás eles não vão especificamente falar sobre isso.”

Conforme Dias (2012), atender estes estudantes não é um trabalho somente da escola. Além da ajuda da nutricionista, o apoio da família e dos professores é de grande relevância, pois são alunos que estão passando por fase de crescimento e não podem receber a mesma alimentação de seus colegas. Diante disso, a alimentação ofertada tem de suprir todas as necessidades nutricionais.

Ainda em relação à comunicação com os pais, a nutricionista diz:

“Acaba sendo a maior dificuldade. Pois a minha parte em relação à alimentação especial é ir atrás desses pais, pois eles não sabem muita coisa, não tem muita informação sobre isso ou não passam as informações para escola, então tem que ter um cuidado especial.”

Muitas famílias sequer sabem da eventual necessidade de um acompanhamento profissional, como atendimento nutricional, psicológico, entre outros, e tampouco da disponibilidade desses profissionais na rede pública. Além disso, algumas famílias podem reagir de maneira mais intensa, superproteger o filho com necessidades especiais e dificultar o atendimento. Para muitos pais, então, a escola pode ser ponto de apoio fundamental (BRASIL, 2017).

Quando as mães foram questionadas sobre a satisfação da criança com a alimentação ofertada na escola, três das quatro mães relatam que seus filhos estão satisfeitos, como fica claro nas falas a seguir:

“Ela gosta muito até pelo fato de que alimentação que ela recebe não é tão diferenciada assim, pois quando os coleguinhas estão com o iogurte ela também recebe o dela sem lactose, quando tem sanduíche ela tem o queijo especial para ela. Ela gosta bastante.” (M1).

“Sim ele gosta, pois acostumou com os sabores diferentes que são ofertados” (M2).

“Sim ele gosta da alimentação que é ofertada pela escola.” (M3).

Uma mãe relatou que a escola solicitou que o lanche fosse levado de casa, pois eles possuem muitas dúvidas em relação do que pode ser ofertado para a criança, como podemos observar a seguir:

“O lanche dele eu levo de casa, pois a escola tem muitas dúvidas sobre o que ele pode e o que não pode comer. A pedido da escola, então, eu levo o lanchinho dele, assim fico mais tranqüila também. Gosto pelo fato que nunca ingeriu outros alimentos que contenham leite nem glúten, no caso



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

ele não conhece o gosto.” (M4).

Ainda há muita dificuldade na inclusão desses alunos na escola, pois muitos professores não têm o conhecimento sobre a doença de seus alunos, a merenda por muitas vezes é ofertada inadequadamente, assim prejudicando a saúde e o desenvolvimento. Outra questão que é importante citar que muitos colegas têm preconceito ou vergonha, e assim esses alunos acabam se sentido constrangido (BRAGA *et al.*, 2012).

Até mesmo na hora da preparação dos alimentos tem de ter um cuidado muito grande. Para ser evitada a contaminação cruzada, na hora da preparação dos cardápios especiais, é adequado que o alimento seja estocado separadamente, higienizando adequadamente as superfícies antes de iniciar a produção. Pode ser necessário ter potes de tempero e garrafa de óleo exclusivo para evitar contaminação e dispor de utensílios exclusivos para cada alérgeno, como utensílios plásticos, incluindo copo de liquidificador (BRASIL, 2012).

Algumas escolas ainda estão mostrando irregularidades em relação à oferta de alimentação escolar para os estudantes com necessidade alimentar especial. Diante disso, muitas crianças acabam levando lanche de casa pelo fato de a escola não ofertar ou ter dúvidas do que pode ser ou não ofertados para esses alunos (BRAGA *et al.*, 2012).

Rocha *et al.* (2017), destacam em seu estudo a inadequação do número de nutricionistas nas escolas, pois há somente uma para atender todas as escolas do município, então, dificilmente são realizados os acompanhamentos desses alunos portadores de alimentação especial.

Sobre o atendimento da escola e da nutricionista, duas mães mostram satisfação, como podemos acompanhar nas falas abaixo:

“Em relação ao atendimento da escola e da nutricionista é muito satisfatório, até por que nem sempre se consegue tudo que se deseja, mas nunca houve o problema dela não lanchar na escola, ou porque não comeu, pois não tinha o alimento especial, nunca aconteceu então é bem positivo.” (M1).

“A minha opinião referente ao atendimento da escola e da nutricionista acho que está tudo bem, pelo fato de morarmos e uma cidade pequena e devido ao pouco recurso que se têm eles tentam fazer o que podem para ofertar os alimentos para ele.” (M3).

O acompanhamento com o nutricionista responsável pela alimentação escolar é uma grande vantagem para a busca da qualidade da alimentação, especialmente, quando a finalidade não é somente atender as necessidades nutricionais, e sim contribuir para a melhoria da saúde das crianças, através dos conhecimentos sobre hábitos alimentares saudáveis. Assim, o nutricionista pode realizar a avaliação nutricional e o atendimento nutricional diferenciado para saber se as necessidades alimentares estão sendo alcançadas (BRASIL, 2018).



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

No entanto, duas mães mostram decepção com o atendimento da escola e da nutricionista:

“A opinião é que deveria ter mais acompanhamento, pois na escola nunca houve atendimento da nutricionista, como eu trabalhava na escola tinha que me preocupar com a alimentação dele, tinha que levar de casa, ficar atenta no almoço pra saber o que ia ser servido, principalmente no lanche, em momentos de compartilhamento muitas vezes teve que retirar ele do momento para ele não querer o que estava sendo servido.” (M2).

“Deixa a muito a desejar. Acredito que os profissionais designados deveriam estar preparados para ofertar alimentos livres dos alergênicos para as crianças.” (M4).

Segundo Souza *et al.*(2017), muitos profissionais nutricionistas são recém-formados ou sua especialização é em outra área, assim acabam não possuindo um grande conhecimento na área da alimentação escolar. Outro ponto muito relativo é a carga horária, pois na maioria das vezes essa não permite que sejam realizadas todas as atividades que são da responsabilidade do nutricionista.

Sobre o contato direto com a nutricionista, somente uma mãe relatou que teve:

“Sim já foi conversado com a nutricionista e ela foi bem compreensiva, até ela passou vários *sites* me cadastrou no ‘*Menu Bacana*’, aonde toda semana são recebidas receitas novas para fazer e são gostosas a aparência é um pouquinho estranha, mas [a filha] come com o maior prazer.” (M1).

Esse contato entre a família e a nutricionista é muito importante, pois muitas famílias têm dúvidas do que pode ou não ser ofertado, de como lidar com uma criança com necessidade alimentar especial. É de grande impacto para os pais receber a notícia de que filho é celíaco, então, é importante que eles recebam essa atenção especial da nutricionista e da escola (CORRÊA *et al.*, 2017).

O restante das mães nunca teve nenhum contato direto com a nutricionista da alimentação escolar:

“Não nunca foi conversado.” (M2).

“Em questão de conversar com a nutricionista, nunca conversei com ela, simplesmente levei o laudo que ele tem um exame aí entreguei para a diretora e ela passa pra cozinha.” (M3).

“Nunca conversei com a nutricionista responsável, ela apenas conversou com a diretora da escola e juntas chegaram à conclusão de era melhor eu mandar o lanche dele [filho]. Fico triste pelo fato de não haver inclusão do meu filho. Nas festas da escola, prefiro não levar ele, para que não



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

fique com vontade e nem acabe ingerindo algum alimento contaminado.”  
(M4).

Como podemos observar, muitas famílias ainda têm pouca informação em relação ao acompanhamento desses profissionais, não sabem que têm direito a esse acompanhamento. Desse modo, é importante que as escolas passem essas informações, que realizem reuniões ou rodas de conversa para ajudar esses pais a lidarem melhor com essa situação, pois será uma troca de informação em que será um grande aprendizado, tanto para a escola quanto para as famílias (BRASIL, 2018).

Em relação às dificuldades em casa, a maioria dos pais relatou não ter, pois já estão preparados e orientados para fazer o melhor para seus filhos.

“Como o grau de intolerância dela é pequeno, não é encontrada muita dificuldade até porque é introduzido alimentos com lactose. Como foi conversado bastante com a nutricionista, é bom para ela ir se adaptando a alimentos com lactose, então não há dificuldade encontrada, é tudo muito tranquilo, claro que tem coisas que acabam fugindo do controle, mas é ofertado um remédio para a melhora.” (M1).

“Em casa não teve tantas dificuldades até porque não era apresentado para ele, não havia contato com o alimento, então ele não questionava ‘eu quero’. Ele não tinha contato com os alimentos que não podia comer.” (M2).

“Questão da alimentação agora não é tão difícil que nem foi no início porque onde a gente mora, como já falei, não tem as coisas então a gente ia até outras cidades pra comprar. Agora já tem tudo, então compramos aqui na cidade mesmo, mas como eu tenho outro filho da mesma idade que eles são gêmeos, aí tinha um pouco de dificuldade porque um comia e o outro não podia comer e a gente ficava com pena deles, mas com o tempo foi se acostumando e ele não deixa de comer nada, o que um come o outro come, mas tudo zero lactose.” (M3).

“De início foi complicado, mas depois de ler muito sobre o assunto agora tiramos de letra. Aqui em casa não entra alimento com glúten e nem com leite. Infelizmente muitos profissionais não estão capacitados para tratar do assunto, alguns não sabem a diferença da intolerância à lactose para a APLV. Então a ajuda que tive veio do Google e de grupos do Facebook destinados a esse público. A maior dificuldade é fora de casa mesmo, e a falta de inclusão na escola e na sociedade em geral.” (M4).

Como observado à maioria das mães apresentaram uma grande dificuldade no início quando descoberto a necessidade alimentar do filho, pois não tinham conhecimento, atualmente relataram



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

que já estão adaptadas e não apresentam mais dificuldades sabendo lidar com diferentes situações, pois receberam ajuda de diferentes maneiras como grupos de apoio, da nutricionista entre outros.

Assim podemos destacar que a família tem o papel fundamental para essas crianças, devido ao fato que irão auxiliar seus filhos da melhor maneira possível sobre as condições da alimentação especial, conhecendo quais alimentos podem ser ofertados e os cuidados referente às patologias para que as condições de saúde sejam melhoradas (BRASIL, 2012).

Além de ser um ambiente de educação e difusão de conhecimentos, é fundamental que a escola realize orientações para os estudantes e suas famílias sobre a importância da alimentação diferenciada, podendo, assim, proporcionar palestras ou cursos a fim de passar essa e as outras instruções sobre as particularidades de cada patologia (BRASIL, 2012).

O apoio a essas famílias é importante, mas muitas delas acabam ficando sozinhas, sem apoio algum, por isso é fundamental procurar grupos de apoio, amigos e grupos de saúde, pois dessa forma a família receberá orientação e saberá como lidar com essas situações, ajudando seu filho a ter uma qualidade de vida melhor (BRAGA *et al.*, 2012).

## CONCLUSÃO

De acordo com a família, de maneira geral, os escolares estão satisfeitos com a alimentação oferecida na escola. Percebe-se também, que a adaptação à alimentação especial em casa está muito bem, as dificuldades iniciais estão sendo superadas.

Porém, tanto do ponto de vista da nutricionista, como da família, a maior dificuldade, é a falta de comunicação entre ambos. E este contato é fundamental para o desenvolvimento de ações de melhoria das condições de saúde, alimentares e do estado nutricional dos escolares.

Cabe ainda à escola e seus colaboradores, garantir igualdade no atendimento, oferecendo alimentos adequados à situação de saúde de cada um, e orientações a respeito, sempre promovendo a inclusão social desse indivíduo no ambiente escolar e na sociedade. Para isso, sabe-se da necessidade de trabalhos em equipe, integrando nutricionista e educadores, tanto na elaboração dos cardápios quanto nas orientações dos escolares e familiares.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, M. C. et al. Necessidades especiais de escolares com diabetes mellitus tipo I identificadas por familiares. **Revista Brasileira de Educação Especial**, São Paulo, v.18, n.3, p.4, jul./set. 2012.

Disponível



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382012000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000300006)>.  
Acesso em: 23 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Cadernos de referência sobre alimentação escolar para estudantes com necessidades alimentares especiais**. Brasília:MEC, 2017.Disponível em: .  
Acesso em: 4 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Manual de apoio para as atividades técnicas do nutricionista no âmbito do PNAE**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2018.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Manual de orientação sobre a alimentação escolar para pessoas com diabetes, hipertensão, doença celíaca, fenilcetonúria e intolerância à lactose**.2. ed. Brasília: MEC, 2012. Disponível em:  
<<https://www.passeidireto.com/arquivo/22540156/manual---orientacao-sobre-a-alimentacao-escolar-para-pessoas-com-diabetes-hipert>>. Acesso em: 8 set. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição**. Brasília: MS, 2013. Disponível em: <[http://bvsm.saude.gov.br/publicações/politica\\_nacional\\_alimentação\\_nutrição](http://bvsm.saude.gov.br/publicações/politica_nacional_alimentação_nutrição)>.  
Acesso em:8 jul. 2018.

CORRÊA, R. S. et al. Padrões alimentares de escolares: existem diferença entre crianças e adolescentes? **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 553-562, 2017. Disponível em: . Acesso em: 8 set. 2018.

DIAS, F. D. Análise da merenda escolar: a inadequação para alunos celíacos e intolerantes a lactose. **ACELBRA**, Belo Horizonte, v.1, n.17, p.14-15, 2012. Disponível em:<<http://www.ancelbramg.com.br/images/artigo-dias.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

FERNANDES, N. M. et al. **Manual de orientação de cardápios especiais**. 2. ed. São Paulo: [s.n.],2015. 93 p. Disponível em: . Acesso em: 7 set. 2018.

GUERRA, E. L. A. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Ânima,2014. 52 p. Disponível em: . Acesso em: 1 set. 2017.

MANCUSO, A. M. C. et al.O papel da alimentação escolar na formação dos hábitos alimentares. **Revista Paul Pediatra**, São Paulo, v. 3, n.31, p.324-330, 2013. Disponível em: . Acesso em: 1 set. 2017.



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

PAES, A. R. C.; TEIXEIRA, F. V. S.; COSTA, A. A. T. Revisão bibliográfica do PNAE no contexto nutricional e educacional. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas**, Brasília, v.1, n.5, p.16, set./out. 2016. Disponível em: . Acesso em: 8 jul. 2018.

ROCHA, M. H. L. et al. Diabetes tipo MODY: abordagem perante os desafios diagnósticos. **Revista de Patologia de Tocantins**, Palmas, v. 5, n. 1, p. 54-55, abr. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382012000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000300006)>. Acesso em: 10 set. 2018.

SANTOS, M. M. M. **Um estudo sobre a necessidade de dietas especiais na alimentação escolar**. 2012. 41f. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012. Disponível em: <[http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2599/1/MD\\_ENSCIE\\_III\\_2012\\_51.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2599/1/MD_ENSCIE_III_2012_51.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2018.

SILVA, J.G.; TEIXEIRA, M. L. O.; FERREIRA, M. A. Alimentação na adolescência e as relações com a saúde do adolescente. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 23, n.4, p. 1096-1097, out./dez. 2014. Disponível em: . Acesso em: 8 set. 2018.

SOUZA, A. A. et al. Atuação de nutricionistas responsáveis técnicos pela alimentação escolar de municípios de Minas Gerais e Espírito Santo. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p. 596-599, 2017. Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2018.